

SEMÂNTICA E RETÓRICA : CONVERGÊNCIAS HISTÓRICAS

Lineide do Lago Salvador Mosca
Universidade de São Paulo

A precedência da Retórica como uma das ciências melhor delineadas na Antigüidade é fato apontado por inúmeros estudiosos. Conquanto tenha passado por restrições no que toca ao seu alcance, reduzida a cânones por vezes estreitos e a objetivos desvirtuados de sua origem, foi a Retórica que forneceu à Semântica, ciência do significado, os parâmetros em que se basearam as suas classificações.

De fato, os conceitos de amplificação/restrição, pejoração/melhoração vinham em linha direta da Retórica. Não é, pois, de estranhar que as intersecções entre ambas tenham se fortalecido na trajetória dos estudos da linguagem.

Já filólogos das línguas clássicas como Reisig, Haase e Heerdegen, com quem a Semântica havia deslanchado, tinham a retórica como disciplina básica da Filologia. É esta Retórica que irá desempenhar um papel de grande significado para o desenvolvimento da Semântica Histórica.

O **significado**, concebido de forma dinâmica e interativa nos estudos semânticos mais recentes, não se disjunge da expressividade e da eficiência, características básicas de toda e qualquer atividade retórica. Há, portanto, uma ponte bem evidente entre essas duas ciências da linguagem, o que explica as convergências em que elas incorrem e que as aproximam no eixo histórico. Um dos denominadores comuns a ambas se situa no fator **mudança**, uma vez que esta é condição vital para a própria sobrevivência da linguagem cujo desgaste leva a novas buscas de expressividade e à procura de estratégias e reforços de revitalização constantes. Acresce também o fato de que os estudos semânticos, em sua fase atual, assumem uma postura cognitivista e anti-mecanicista em que o seu objeto é sempre tomado em sua natureza psico-social. Há que considerar também o componente de natureza não-verbal e que necessariamente está presente em quase todos os atos comunicativos. O significado seria o produto de todos esses componentes, sendo ele que se encarrega da **significação** final a que se quer chegar, o **sentido**, em última análise.

Por outro lado, o fato de a **intencionalidade** do produtor da mensagem não poder ser desconsiderada supõe a não-marginalização do destinatário da mensagem em questão e, por conseguinte, não só a sua inclusão, mas a sua própria intervenção no processo de significação. Dentro desse quadro, algumas funções se tornam vitais, como é o caso da função conativa, básica em todo ato retórico, e da função poética, uma vez que a forma importa tanto quanto o que se diz, vindo a enriquecer as demais funções.

Veja-se o caso de alguns discursos em que essas funções estão em evidência, como acontece na mensagem publicitária. Entre as figuras de que esta se serve com mais freqüência está a elipse, figura de subtração segundo a classificação de cunho estrutural do Groupe μ e que vem mostrar a que ponto a intervenção da recepção se faz necessária para que o sentido se estabeleça. Por ser um discurso econômico e vigoroso tem que produzir o máximo de resultados com o mínimo de recursos, daí a abundância de metáforas, metonímias, tanto verbais como não-verbais.

Há ainda que contar com o equilíbrio entre a inovação (a mudança) e a redundância (o já-sabido, o já-dito), o que constitui mais um ponto de contacto entre a Semântica e a Retórica: a busca de expressividade, portanto, do dizer retórico, diante do natural desgaste do já-dado. Na semântica tradicional, os estudiosos falavam em sentido de base e postulavam que os demais se erigiam a partir deste. Hoje, a semântica cognitiva prefere considerar que haveria um sentido básico a partir do qual -- e geralmente através de processos metafóricos e metonímicos -- iriam se encadeando as diferentes acepções, de tal

modo que alguma dentre elas mantenha um vínculo muito distante em relação ao núcleo central.

É, entretanto, o fator **contexto**, no sentido lato da palavra, a grande chave na perspectiva atual para unir a Semântica e a Retórica. A importância desta será não apenas classificatória como havia sido cogitada nos alvares da Semântica, mas de base argumentativa, na condução dos processos de comunicação interativa. Os conceitos postulados e desenvolvidos por Ducrot em sua semântica argumentativa, que passaram por alterações e acréscimos ao longo das últimas décadas que vão de 1969 aos nossos dias, levantaram problemas até então apenas intuídos e sem um trabalho mais sistemático dentro das teorias da linguagem. Em um de seus últimos trabalhos, incorporando a noção aristotélica de *topos*, Ducrot acrescenta aos princípios já tratados anteriormente -- ou seja, a correspondência exata entre duas escalas graduais opostas, o conceito de operador argumentativo e de orientação argumentativa, o estatuto do enunciador -- os de universalidade (comum a uma comunidade lingüística) e o de generalidade (com aplicabilidade a situações similares) .

Em decorrência desses avanços, a Semântica e a Retórica passam a operar muito mais em termos discursivos, sobretudo quando se chega a uma definição mais satisfatória de *discurso*, considerado em sua função comunicativa e interacional, passando as descrições a ser de caráter oracional e textológico e não de base puramente lexical.

No momento em que a Retórica viu-se reduzida a uma simples ciência auxiliar (a “Retórica restrita”, de que fala R. Barthes), o material léxico-semântico era classificado segundo quatro figuras retóricas que ordenavam os processos semânticos históricos, vale dizer, a metáfora, a metonímia, a etimologia popular e a elipse, com restrições para estes dois últimos processos que funcionavam mais como processos de designação e, portanto, onomasiológicos. A nova Semântica Histórica apóia-se, porém, não naquela Retórica que encolheu nos séculos precedentes, mas na Retórica plena, tal como concebida nas suas origens. Vimos há pouco como a noção de *topos* da velha Retórica foi reaproveitada com êxito no âmbito das novas formulações.

Cabe salientar ainda o fato de a Retórica ser uma disciplina geral, aplicável a todas as línguas, o que a liga ainda mais à Semântica quando esta se coloca no plano dos universais, ou seja, pode-se proceder a uma Semântica de caráter geral ou às especificidades de uma Semântica particular, com os recortes peculiares de cada comunidade lingüística.

Seja como for o enfoque do exposto, fica evidente que a questão do significado se situará na dimensão da Pragmática e das Teorias da Enunciação e que a transposição semântica se dá no relacionamento intersubjetivo de todo ato de comunicação. É, portanto, como **atividade de linguagem** que se pensará o ato de atribuição de sentido, uma vez que se pode falar propriamente de um **processo de significação**, dado que o significado vai-se fazendo processualmente na sua globalidade e o que resulta é o efeito de sentido, com todas as suas implicações: impacto, reação, agente modificador etc).

Por todas essas razões, é constante o apelo à memória dos usuários, quer no uso sincrônico da língua, quer nos ecos diacrônicos que ele arquiva em sua memória. Este é o caso dos clichês quando voltam a circular com nova roupagem ou novas propostas de leitura na exploração bastante usual do discurso publicitário. Há ainda a ocorrência de fatos lingüísticos discursivos que remontam a etapas anteriores de uso dos falantes em determinadas situações comunicativas, como é o caso das expressões denominadas *derivações delocutivas*, apontadas por Benveniste em *Problemas de Lingüística Geral*, e por Ducrot, em “Enunciação”, verbete que fez para a *Enciclopédia Einaudi*, entre outros trabalhos seus.

A partir de exemplos como o do francês *salut*, do latim *salus*, com a acepção inicial de “boa saúde”, passou-se à saudação com o desejo de boa saúde e, daí, ao próprio ato de saudar alguém. Por este mesmo fenômeno explica-se a criação, ao longo da história da língua, de verbos performativos, ao lado da acepção não performativa dos mesmos verbos.

Para este procedimento, Ducrot dá o exemplo do italiano *aderire*, cujo uso performativo se daria no ato de adesão a um determinado partido.

Como se percebe, essas ocorrências prendem-se muito mais às circunstâncias de enunciação que propriamente ao objeto enunciado, ao mesmo tempo em que a postura discursiva, tanto da Semântica como da Retórica, levaria a considerar a presença da **intertextualidade** como parte do processo de produção do sentido. Nesta altura da exposição, podemos apontar os pontos essenciais às mudanças semânticas:

1. *A relação concreto/abstrato e os processos metafóricos/metonímicos*

Compreende-se o abstrato em termos do concreto, ou seja, o nosso conhecimento das coisas determina a nossa compreensão dos fenômenos mais abstratos e sua expressão lingüística, sendo esta conexão, a maior parte das vezes, de natureza metafórica ou metonímica. Decorre daí a importância dessas figuras na Semântica Geral e na mudança semântica em particular. Boa parte de nosso sistema conceitual e, por conseguinte, da linguagem que o expressa, é de natureza metafórica, tal como se dá com conceitos básicos do tipo “ação”. Para Lakoff, que vem desenvolvendo essas questões, as ações são expressas enquanto movimentos. Daí, por exemplo, expressar-se o início de uma ação pelo início de um caminho (ex. *dar os primeiros passos*), a incapacidade de atuar é expressa como incapacidade de movimento (ex. *ficar de mãos atadas*), a dificuldade de uma ação é expressa por dificuldades e impecilhos de movimento (ex. *ficou bloqueado, estatelado* etc). Esta idéia aplica-se mesmo às situações que deveriam ser estáticas como em *andar preocupado, triste* etc.

Outro campo semântico em que ocorre fenômeno semelhante é o das transações comerciais que estão à base do processo metafórico presente na valorização/desvalorização de objetos e pessoas e em que um único vocábulo acumula duplo sentido. Ex. *caro*, podendo referir-se a “valor alto” e também a “aquilo que é querido”, em que de uma noção passa-se à outra (ex. *Aquele livro custou caro. O livro que escreveu lbe é caro*). Em *barato*, o fenômeno é o mesmo, mas o investimento de valor é inverso: de um valor baixo, passou-se à desqualificação (Ex. *uma literatura barata, um sentimento barato* etc). Não nos esqueçamos tratar-se de uma sociedade de consumo em que se estimula a consideração de que “o que é bom custa caro”, “o barato sai caro”, conforme os clichês que povoam nossa memória coletiva e que circulam na intertextualidade dos discursos. O mesmo se daria com o par *rico/pobre*: uma *comida rica*, é aquela apreciada e prestigiada; *um argumento pobre*, é aquele vazio de elementos etc. Portanto, o eixo de valores da sociedade estaria fortemente impregnado na linguagem do cotidiano.

Os estudos dessa natureza vêm demonstrando não se tratar de casos isolados, tais como eram considerados na semântica histórica tradicional, ou de meras coincidências, mas de posturas comuns e generalizantes, segundo os princípios que expusemos atrás. Todos os casos mencionados partem de **figuras** geradas no uso diário.

2. *Convencionalização de inferências contextuais*

É o que se dá, por exemplo, quando a noção de preferência é atribuída ao primeiro, ao anterior etc.. Nota-se, com frequência, o deslocamento sofrido por expressões temporais que, por sua vez, costumam derivar-se de expressões espaciais, como o demonstram as teses localistas, até chegar ao significado de preferência. Quando se diz que *os últimos serão os primeiros*, a inferência de valorização é imediatamente estabelecida. Aqui tempo e espaço aparecem imbricados. As teorias da física moderna mostram que no chamado *buraco negro* estas noções perdem sentido. Em termos lingüísticos, o advérbio espacial *ante* (“em frente de”), ao longo da história da língua, passa a significar “preferência”. Por convencionalização, acabou-se por atribuir um valor positivo ao fato de ocupar uma

posição espacial “frontal”. O próprio verbo *preferir* tem por significado básico “colocar à frente” (*prae ferre*).

3. Papel do sistema lingüístico

Pensa-se, neste caso, em termos de oposições lingüísticas, ou seja, da aparição de uma nova oposição ou desaparecimento de outra já existente, o que dará lugar a uma restrição ou extensão quanto ao âmbito de sua aplicação. Por ex. o termo *avis* dá lugar a *ave* e a *pássaro*, fazendo surgir uma distinção, com o uso mais restrito do segundo termo.

Temos ainda *passarinho*, que estabelece mais um recorte. Como exemplo de extensão do âmbito de aplicação, temos *branco*, com a perda do traço distintivo que diferenciava os termos latinos *albus* e *candidus*, ou seja, o traço ‘brilhante’.

Conforme se observa, os dados de natureza lingüística não dão conta do fenômeno do significado, daí a razão da interdisciplinaridade proposta na pesquisa em curso. A semântica tradicional parece não ter visto a importância dos aspectos psicológicos do significado, conforme se depreende da leitura de Ullmann (1977) e outros. Viu-se igualmente o papel da Pragmática, na consideração do contexto e das circunstâncias de enunciação, assim como o da Retórica, uma vez que se coloca nas mudanças de natureza metafórica e metonímica o principal veio de formação de novos significados.

Neste ponto de nosso relato de pesquisa, fica evidente que nossa abordagem do significado em geral e de sua evolução histórica em particular se dá a partir de uma concepção distinta de significado. Vários autores, entre eles Lakoff & Johnson, têm feito investigações que levam a postular novas atitudes a esse respeito.

Partir-se-ia de contactos e percepções que possibilitam que algo seja significativo para o corpo humano, de maneira que a mente está “incorporada”, no sentido etimológico do termo, isto é, “reunida em um só corpo”, “tomada como forma corpórea”, e também o significado lingüístico. Este seria uma decorrência, ou vem junto, pergunta-se. Há, portanto, as seguintes hipóteses levantadas e que são passíveis de questionamento, enquanto não tiverem a consistência necessária ou a abrangência explicativa de um bom número de fatos. São elas :

1. A mudança semântica tende a ser unidirecional. Não se trata aqui de regra obrigatória, daí preferir-se “tendência”. O mesmo se deu quando se considerou as alterações fonéticas não como absolutas e rigorosas, mas como susceptíveis de tendências sujeitas a inúmeros fatores.
2. Direcionalidade: basicamente do concreto ao abstrato. Ver capítulo de Antoine Meillet sobre a passagem do concreto ao abstrato na evolução da língua latina. Chegar-se-ia a um grau relativo de abstração metafórica, em que um possível desenvolvimento seria :
Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade
3. Fator expressivo: tendência, na evolução semântica, para significados mais subjetivos. Aqui cabe lembrar que os estudos de Michel Bréal, já no início do século, apontavam esta tendência e foram precursores das idéias de Benveniste a respeito da subjetividade na linguagem. A evolução semântica iria, pois, do objetivo para o subjetivo ou, melhor dizendo, do menos para o mais subjetivo, se se quiser evitar a questão da objetividade.

Algumas tendências básicas podem ser apontadas:

- Significados que descrevem uma situação externa e que passam a designar uma situação interna, seja ela valorativa, perceptiva, cognitiva. São mudanças denominadas tradicionalmente pejorativas e melhorativas. Ex . *vilão*, de

“habitante da vila” passou a “malvado”; *rival*, de “habitante das margens do rio” a “adversário”.

- Significados baseados na situação externa ou interna e que produzem significados baseados na situação textual ou metalingüística. Este fato ocorreria com certos usos, em que se passa a determinadas observações intelectuais, emotivas, perceptivas.

Ex. Sentir algo \Rightarrow sentir que \Rightarrow sinto (“lamento”).

Ter algo \Rightarrow ter que (“julgar”, “considerar”).

Tenho que sua prova foi a melhor.

- Propensão para significados baseados em crenças, atitudes ou estados subjetivos do falante em relação ao manifestado na proposição. Vê-se claramente que esta tendência tem a ver com a questão do *modo*, da *modalidade*, da *modalização*. Por exemplo, quando se diz, *estuda justo o necessário*, a palavra *justo* não tem o significado de “exato” ou de “razoável”, mas revela um estado de carência, ou seja, avaliação para baixo, em virtude da crença de que “quanto mais melhor”.

Em todos esse casos, caberia verificar o grau de generalização do fenômeno na criação de um novo significado. Embora as observações se refiram ao processo de gramaticalização, há que considerar evoluções de outra natureza, tal como a passagem de uma função ideacional para interpessoal e, finalmente, textual. Pode-se colocar aqui também a função expressiva.

A despeito do recurso a todas essas abordagens do significado, cumpre reconhecer que nem sempre se torna possível fechar ou dar uma explicação satisfatória para uma evolução semântica.

Resumindo, são os seguintes os princípios que estão sendo adotados nas investigações da presente pesquisa quanto aos problemas fundamentais para o estudo do significado:

1. Relacionamento das estruturas lingüísticas com a cognição geral humana. Esta é a tendência que temos verificado nos estudos da linguagem nos mais diferentes autores, em nossos recentes contactos com pesquisadores de outros países.
2. Significar é a função primária da linguagem. O problema vital constitui em mostrar como se unem forma e significado.
3. A distinção entre significado estritamente lingüístico e o que quer significar o falante, atendendo a suas intenções comunicativas, crenças, contexto, não é precedente.
4. A caracterização dos significados das entidades lingüísticas relacionam-se à conceptualização em sentido amplo, isto é, a estruturas do tipo “enciclopédico” (modelos cognitivos idealizados, “frames” etc).
5. Uma construção gramatical não tem significados apreensíveis por meio de regras gerais a partir do significado das partes e sim motivados pelos significados destas.

Muito embora as observações se refiram ao processo de gramaticalização, há que considerar evoluções de outra natureza, tal como a passagem da função ideacional para interpessoal e, finalmente, textual, podendo-se colocar também aqui a função expressiva e, portanto, retórica, tornando-se evidente a ligação entre Semântica e Retórica e as suas confluências históricas. Trata-se, pois, de uma semântica voltada ao **discurso**, na acepção que lhe é dada pelos analistas da matéria. Enquanto não se definiu o seu estatuto, tornava-se difícil um trabalho interdisciplinar e, mesmo, multidisciplinar. Uma excelente metáfora

constitui o título da obra coletiva, organizada por Noé Jitrik, *Irrupción del Discurso*, reveladora dessa situação e que se propõe a debater assuntos dela emergentes. Hoje, mais que nunca, volta-se ao passado com a finalidade de iluminar o presente, enriquecido com as novas experiências que a busca do saber tem trazido nessa trajetória da aventura humana.

A presente linha de pesquisa figura em nosso projeto mais amplo de *Retórica e Argumentação*. Vem sendo desenvolvida com a colaboração do Prof. Dr. Wolfgang Roth, da Universidade de Bochum/Alemanha e Valenciennes/França, com quem tenho em co-autoria trabalho apresentado na ALFAL do Chile (agosto/99) e artigo no prelo para a revista *Neue Romania*, editada em Berlim. Colabora também o Groupe μ na pessoa de seu representante e membro ativo, Prof. Dr. Jean-Marie Klinkenberg. Contamos também com boas observações da parte do Prof. Dr. Christopher Laferl, do Instituto de Romanística da Universidade de Viena/ Áustria, por ocasião de nossa presença nesse Instituto e, posteriormente, durante a sua contribuição junto ao curso que ministramos na Pós-Graduação (USP/99).

Enfim, já se entrevêem alguns resultados nesse campo em que se tem ainda muito a aprofundar em reflexões, sendo, portanto, um trabalho estimulante e desafiador.

REFERÊNCIAS

- Barthes, Roland. 1975. "A Retórica antiga". COHEN, J. et alii. *Pesquisas de Retórica*, 7-39. Petrópolis: Vozes.
- Benveniste, Émile. 1976. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Nacional/EDUSP.
- Bréal, Michel. 1992[1897]. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- Dominguez, L. A & R. M. Elorza. 1996. *Manual de Semântica Histórica*. Madrid: Síntesis.
- Ducrot, Oswald. 1984. "Enunciação". *Enciclopédia Einaudi* 2: 368-393. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- , 1989. "Argumentação e 'Topoi' Argumentativos". *História e sentido na linguagem*, org. por Eduardo Guimarães, 13-38. São Paulo: Pontes.
- Groupe μ . 1974. *Retórica Geral*. São Paulo: Cultrix.
- Jitrik, Noé, org. 1990. *Irrupción del Discurso. Interdisciplina y transdisciplinariedad*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Lakoff, G. & M. Johnson. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago: University Press.
- Meillet, Antoine. 1938/1948. *Linguistique historique et linguistique générale*. Vol. I e II. Paris: H. Champion.
- Mosca, Lineide L. S., org. 1997. *As Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas. (Reimpr. 1999; 2a. ed., 2001)
- Mosca, Lineide L. S. e Wolfgang Roth. "A renovação da semântica histórica: retrospectiva e avanços". XII CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA. ACTAS. Santiago de Chile, 9 a 14 agosto 1999 (no prelo).